



2  
dignidade - porque esta sente-se através de todo  
o filme - a sua pátria. Atirado pela lei  
simplicípeda do limite de idade e pela desva-  
lorização da moeda, recebe uma referência  
que não lhe dá para viver com a mesma di-  
gnidade.

Ele, e outros na mesma situação, organi-  
zam um cortejo de protesto. São dispersos  
pela autoridade. Não há esperança de  
que esta compreenda a ~~trágica~~ íntima  
trágica que se desenrola na alma dos refor-  
mados.

Humberto começa então a beber o cálice  
~~amargo~~ amargo de todos os proscritos. O seu pro-  
blema principal é o seu quarto. Para o  
manter, suspendem, vende, cede ao labra-  
rato, o que lhe resta dum passado honesto e  
~~honesto~~ e cheio de honradez. Desfaz-se de  
tudo, menos do seu cão. É chegado a <sup>manter</sup> privar-se  
do alimento, para ~~se~~ dar ~~o~~ ao seu fiel  
amigo.

Desfaz-se de todas as coisas, é claro. Mas  
sua ainda - é muito mais - é observar,



de café restos tenta fazer-lhe participar a criada, num gesto de piedade amiga, porque irunão na desgraça. Mas pode o seu nobre espírito aceitar os restos do prager precaminoso.

E nem entã o desespero. Concebido o plano, tenta salvar o seu único amigo: o cão. Vai entregá-lo a um casal miserável que vive da recolha de <sup>animais</sup> ~~coisas~~ pedem-lhe mais do que ele tem. Tenta confia-lo a uma orfã. Mas thro emente o episódio <sup>de uma</sup> ~~de uma~~ criada. Toma entã a decisão final: ambos morram. Mas o cão reage e salva-o. É a atitude do cão, depois da tentativa desesperada, que o faz retomar coragem, partir de novo para a ~~toda~~ vida, ~~ganhar~~ recuperar optimismo e viver ~~com~~ ~~esperança~~.

Esta a traseira do filme, cheia de suspiros e profundo tema de meditação. A história de Humberto D. é a história de um <sup>outro</sup> ~~outro~~ ~~modo~~: depois de uma vida de trabalho honesto, a perspectiva da maior par-



onde iremos nós? Não cairemos doravante mesmo  
Queda que nos tem fim? Não erraremos nós  
através do nada infinito? A noite não se torna de  
cada vez mais negra? Deus morreu. Deus morreu!  
E fomos nós que o matamos!"

O profeta da morte de Deus, previa também a  
decadência do homem com ritmo acelerado. E  
perante essa decadência inevitável, podia escrever  
André Malraux: "Disseram-nos que Deus morreu,  
mas talvez que tenha morrido também o homem!"

~~talvez que tenha morrido também o homem!~~

"Talvez tenha morrido" é palavra <sup>deus</sup> condescendente.  
A vida de Humberto D. mostra bem que a reali-  
dade é mais profunda ~~vista~~ numa sociedade  
que matou a Deus, mas que teve necessidade  
de inventar ~~deuses~~ <sup>deuses</sup>: o ouro, a  
produção, a técnica, a vontade de potência, o <sup>plac</sup>  
nos quinze ~~anos~~ <sup>(pequena prostituição)</sup>

~~politeísta~~  
politeísta como nenhum homem igual), o homem  
decide ~~morrer~~ <sup>morrer</sup> e quem o salva é o cão. Co-  
lha escrever Daniel Defoe, um profundo  
realismo: "Todas as sociedades humanas assen-  
taram em bases sacrais. Só a morte as recusa.  
Mas esta civilização atea, não é ela afinal que  
proclamando o homem ~~deus~~ <sup>deus</sup> a

vida sobre a terra do único Paraíso, chefe,  
de facto, a uma destruição radical do homem  
e das suas razões de viver?"

O homem é, de facto, a grande vítima  
das sociedades modernas com todos os seus  
ídolos: A máquina, a féria, a burocracia,  
a administração, ~~mas~~ a organização social ultra-  
minuciosa, ~~que~~ desbucaram o homem  
e fazem dele uma coisa. Uma coisa numerada  
e catalogada como as mercadorias. Uma  
coisa que se dita para a ruína, ficando  
já usada esse dia. E, nesta destri-  
ção do homem, quasi se igualam capitalis-  
mo e marxismo: ambos máquinas sem Deus  
construídas de sociedades sem Deus... e sem  
homens, como inúmeros armazéns de máqui-  
nas ~~para~~ de calcular. O espírito e o  
coração já não existem para eles.

"Pelos frutos conhecereis a árvore", ~~para~~ <sup>pensar</sup>  
nosse Jesus Cristo. Pois se os frutos da sociedade  
de moderna são o desprezo da dignidade  
humana, o realceamento do espírito e  
o enfraquecimento do coração, a árvore não







11  
poucos princípios que aprendi em Jefferson.  
Se sei que há muitos Humbertos devotados,  
que me procuram e muitas Marias que  
querem ser prudeiras e Inês como as outras,  
- que não sabem Teorias nem Doutrinas, <sup>nem que essa é a coisa!</sup> mas  
apenas sabem chorar a dignidade ~~de~~  
~~que~~ ~~elas~~ roubaram e que veem recla-  
mar como junto de uma ~~Justiça~~ Tribu-  
nal.

É em aquilo que aprendi, se eu pudesse  
ser juiz, ~~com~~ ~~uma~~ ~~indignidade~~ ~~sem~~  
~~nenhum~~ ~~temor~~ a ~~potência~~ ~~materna~~, que  
dalaria, em série e despiadadamente,  
sucata de homens, como se em eles fidesse  
se algum ~~em~~ ~~contra~~ ~~o~~ ~~super-homem~~  
de que se diz ~~o~~ precursor.

Eu preferia ~~um~~ ~~filho~~ em que ~~to~~ ~~do~~  
nós vissemos ao Humberto D. em ou-  
tro Jesus Cristo em sofrimento, e erris-  
mos para ele a inquirir dos seus ~~li~~  
~~tr~~ ~~e~~ ~~dos~~ ~~aspirar~~ ~~o~~ ~~seu~~ ~~franc~~

e generosa alma, como seus irmãos mais  
 novos, capazes de ganhar para nós e pa-  
 ra eles, e produzir tanto e distribuir  
 com tanta justiça e tanta amizade  
~~que os pobres para os cães~~  
 que não fosse possível fazer. se mais um  
 único filme, em que só os cães ainda  
 nos capazes de ganhar,  
 e os homens.

Seu prefácio continua a ensinar o que  
 ensinaram a si. Para crer no Homem  
 para a amar, para ter a esperança e a  
 vida, a certeza primeira aceitar a  
 fé na fraternidade universal  
 de todos os em Jesus Cristo, filhos de  
 Deus e irmãos os Homens.

Só assim poderemos superar a  
 te, sem que a tentamos de a deixar  
 envolvidos perante diante de um

— D —